

A ÁFRICA TRADICIONAL



MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 15

A ÁFRICA TRADICIONAL ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

A importância do conceito de África Tradicional, enquanto um modo de vida e visão de mundo, decorre do fato de que mesmo nos dias atuais, grande parte da população do continente vive ou mantém-se sob a influência desta noção, responsável também pelas principais referências do universo social, religioso e cultural dos africanos (Cf. WALDMAN *et alli*, 2007).

Ademais, a definição é indispensável para a compreensão da realidade de países que como o Brasil, incorporaram na sua formação étnica vasto contingente de africanos, todos indelevelmente marcados por contribuições culturais provenientes do cosmos da Africanidade (Figura 1).

Num apontamento histórico, econômico e cultural, a África Tradicional associa-se a uma formação socioespacial, a aldeia, cujas bases estão assentadas no modelo de economia natural. Qual seja, autárquica e largamente autossuficiente, articulada a modos de vida visceralmente comunitários, regidos pela tradição e pelo coletivismo (Cf. LEITE, 1986 e 1984; GIORDANI, 1985; ROUMEGUÉRE-EBERHARDT, 1963).

Retenha-se que mais do que em “tribos” ou nas etnias, a identidade do continente está assentada na *família extensa*, uma categoria muito mais ampla do que a família nuclear ocidental. Daí que enquanto tal, a noção endossa laços familiares ampliados, incluindo agregados e pessoas consideradas pelos ocidentais como externas ao grupo (Cf. MAZRUI, 1986 e 1985).

Estas características transparecem no plano linguístico. Por exemplo, na maior parte dos idiomas da África, não existe palavra para *primo*, apenas *irmão*; não existem *tios* e *tias*, mas sim *pais* e *mães*, *avôs* e *avós*, *bisavôs* e *bisavós*. Esta forma de organização familiar é comum às culturas africanas, desde tempos imemoriais vigorando de costa a costa nas sociedades do continente.



FIGURA 1 - Três tambores: na Nigéria e em Salvador, no Brasil. Não obstante retratarem realidades distantes no espaço, note-se a similitude e as analogias entre as duas imagens (Fotografias de Pierre Verger, sem data, in: ARAÚJO, 2006: 102)

Firmemente estaqueada na noção de ancestralidade, os anciões detém por extensão, proeminente papel na organização familiar, assim como na sua configuração identitária. Com efeito, a ancianidade é um valor cultivado pelas culturas africanas, sendo os mais velhos depositários de respeito e de cuidados pela rede familiar e pelo conjunto da sociedade. Até porque, os mais velhos constituem o elo que ata a família ao domínio dos ancestrais (Figura 2).

A resiliência destas concepções, centrais na cosmovisão dos africanos e constituindo um verdadeiro pilar da resistência do africano às sucessivas agressões que acometeram o continente, é marcante nas práticas sociais, impactando inclusive o imaginário político, sendo incorporadas nas proposições programáticas de vários partidos e na simbologia do poder na África contemporânea.



FIGURA 2 - Na foto, um grupo de anciões da África Ocidental numa libação aos ancestrais. Derramar bebida no chão é ritualmente uma forma de homenagear as antigas linhagens agora incorporadas ao solo, e também, as divindades e o ambiente. No que revela uma das muitas influências da África no cotidiano brasileiro, este rito foi recodificado em muitas partes do país no hábito de garantir a primeira dose de cachaça “para o santo”, também derramada no chão (Fonte: < <https://africanholocaust.net/african-libation/> >. Acesso: 12-03-2011)

Para conferir, basta observar o trânsito desta noção em programas políticos propostos por lideranças históricas da África. Veja-se o conceito-chave de *Ujamaa* (“família ampla” na língua *Kiswahili*), lançado pelo líder tanzaniano Julius Nyerere (1922-1999), que entendia a sociedade do seu país como um coletivo abarcando o conjunto dos cidadãos, propondo a afirmação da pessoa a partir da participação coletiva, de um “fazer junto” no seio de uma comunidade nacional maior.

Por sua vez, as religiões tradicionais africanas devem ser analisadas no contexto das expectativas específicas dos povos da África, e por derivação histórica e social, para a diáspora afrodescendente (Figura 3). Note-se que longe de constituírem mero conjunto de superstições, as noções da esfera religiosa se conectam de modo manifesto com as relações sociais e com a natureza, fundamentais para a resiliência do modelo tradicional de vida (ANJOS, 2009).



FIGURA 3 - Práticas religiosas inspiradas em tradições africanas desdobraram-se em novas leituras da religiosidade. Assim, o Vodum da tradição Ewe-Fon, do Golfo da Guiné, é uma das vertentes do Candomblé brasileiro, do Vudu da Louisiana e da Santeria em Cuba, com milhões de adeptos em pessoas de todas as origens raciais. Na foto, um santuário Vudu em Nova Orleans, no Mississípi, Estados Unidos (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 30-10-2017)

Nesta linha de abordagem, o solo, para a maioria dos povos africanos, era entendido como um bem coletivo, assim devendo permanecer por constituir herança dos espíritos ancestrais e morada de deidades, proposição que mantinha conexão objetiva com os modelos de apropriação dos recursos naturais.

Exemplificando, relativamente a este último ponto rubrique-se que entre os pescadores Tofinu da República do Benim ³, a proibição da pesca em certos lugares da Lagoa Nokoné era justificada por constituírem lugar de repouso da deusa Anasi Gbégu, uma crença catalogada como uma simples crendice por estudiosos eurocentrados, mas que condizia a um notável conhecimento tradicional (*apud* DIEGUES, 1994: 77).

Confira-se que pesquisas posteriores quanto à gênese destas interdições, concluíram que justamente nessas áreas ocorria a reprodução dos peixes capturados nas outras partes da lagoa. Logo, a existência de vetos no uso de certos espaços da lagoa, perfazia um claro papel prático de preservar ambientalmente os bancos pesqueiros (Figura 4).



FIGURA 4 - Instantâneo dos pescadores Tofinu em Nokoné, etnia que deslocou-se no século XVII para o litoral costeiro lagunar do Benim, que contaram com a proteção da massa líquida e da vegetação, para escaparem de serem capturados e vendidos aos traficantes de escravos. Os Tofinu desenvolveram uma excepcional simbiose com as dinâmicas ecológicas do lago, no qual até hoje vivem, reproduzindo seu modo tradicional de vida (Fonte: foto de Olivier Blaise, in: < <https://www.flickr.com/photos/olivierblaise/6902556267/> >. Acesso: 27-12-2012)

No mais, em razão da intensa relação das comunidades com o meio natural circundante, do qual retiravam a totalidade dos elementos necessários para perpetuar seu modo de vida determinava, no plano simbólico e no da materialidade social, a apreensão de marcos apropriados diretamente da natureza, tal como é o caso dos baobás, entendidos como morada dos deuses e dos espíritos.

Na maior parte do continente, o baobá é assumido como a árvore da aldeia, verdadeiro centro da vida social, sendo honrado pelos rituais das coletividades. Em vista da importância desta árvore, estes colossos do reino vegetal testemunham não uma difusão natural da espécie, mas sim, sua indexação enquanto marcador espacial das sociedades

tradicionais africanas, mantendo-se como testemunho de espaços pretéritos mesmo com a desapareição física dos aldeamentos e a desconfiguração das formas precedentes de organização do espaço (Figura 5).



FIGURA 5 - A célebre Esplanada ou Avenida dos Baobás, monumento nacional de Madagascar, tombado pela UNESCO, órgão das Nações Unidas para Educação e Cultura. O plantio destes Baobás foi realizado de modo a demarcar um trajeto, direcionado por exemplares da *Adansônia grandidieri*, espécie de Baobá endêmica deste país. Uma imagem representativa das formas autenticamente africanas de articulação do espaço habitado (Fonte: < <http://www.dailycognition.com/content/image/20/trees/baobab-avenue.jpg> >. Acesso: 30-10-2017)

Cosmogonicamente, o sistema africano de pensamento estabelece que tudo no universo se interliga. Para a sociedade tradicional é impensável qualquer dissociação das pessoas para com o mundo natural, noção abrangente que integra num único nexos ontológico a totalidade da criação: animais, vegetais e minerais.

Assim sendo, o solo constituía um fiador de uma relação de afirmação religiosa e de reciprocidade social. Nesta visão de mundo, o equilíbrio com o meio ambiente não podia ser violado sob pena de provocar, no seio das forças que sustentavam a natureza, perturbações que se voltariam, no final das contas, contra as próprias coletividades (Cf. TEMPELS, 1949).

A consciência da atuação de uma *força primordial, vital ou preexistente*, discernimento universal na totalidade dos mitos de criação africanos, é concebida como o princípio do qual se originou o universo e o mundo vivido, desempenhando também a função de um *umbrella concept* a apreender e dinamizar um heterogêneo leque de inteligibilidades percebidas pelas culturas tradicionais na concretude social (HAMPATÉ-BÂ, 1993).

Nesta linha de abordagem, o africano observava a presença de *forças vitais* presentes em todos os seres existentes: nos humanos (tanto nos vivos quanto nos antepassados), nos animais, nos vegetais e inclusive, nos seres inanimados (minerais, objetos). A mais ver, as variáveis qualitativas percebidas nestas entidades, tais como suas funções, características estéticas e procedências, assim como a personalidade inerente a cada vivente, estão indissoluvelmente vinculadas à fração de substância vital que as personificam.

Neste sentido, este conceito, fundamental para o reconhecimento filosófico de mundo pelos africanos, subentende que o conjunto dos seres mantém entre si uma unidade vital e uma inter-relação propiciadora de equilíbrio, uma leitura de mundo na qual o ser humano ocupa posição central.

Na rede formada pelas forças vitais, devemos também consignar a prestigiosa função atribuída à oralidade. Para grande parte das culturas do mundo tradicional africano, a oralidade é o veículo por excelência da comunicação. O conhecimento das comunidades, preservado pelos *griots* (Figura 6), profissionais de memória prodigiosa que funcionavam como autênticas bibliotecas vivas, era resguardado em acervos orais na forma de milhares de relatos, contos, histórias e provérbios (*passim* LEITE, 1992; NIANE, 1982).

Deste modo, a sociedade tradicional africana, antes de “não ter evoluído para a escrita”, tal como frequentemente é destacado pelas leituras ocidentais de África, optou na realidade, por reservar-lhe papel secundário, com peso social menor do que a oralidade. Nesta acepção, retenha-se que do ponto de vista da Africanidade, o conceito de analfabetismo é absolutamente estrangeiro.



FIGURA 6 - Na foto, um *griot* em atividade na República do Camarões. Na sua performance, os *griots* tocam diversos instrumentos, regularmente utilizados nas apresentações públicas. Devido ao prestígio da função, os griots muitas vezes se tornaram conselheiros e porta-vozes das realezas tradicionais africanas (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 8-06-20167)

Contudo, uma ponderação matricial é que não obstante o enorme prestígio desfrutado pela oralidade, a África constituiu um dos berços historicamente reconhecidos da escrita. As culturas do continente criaram múltiplos padrões de comunicação escrita, como os hieróglifos egípcios e sistemas de escrituração como o núbio, copta, tfinagh, bamum e o ge'ez (Figura 7).

Complementando, sistemas originalíssimos de escrita como o sistema cromatográfico do povo Edo e os ideogramas estilizados inventados pelos Ejagham no que atualmente é a Nigéria, assim como os aforismos gráficos dos símbolos Adinkra, com profundo apelo visual e em uso ainda hoje na República de Gana e noutros países do Golfo da Guiné, são três explicitações da inventividade da África em transmitir sofisticados conceitos e ideias através de suportes imagéticos gráficos (Cf. WALDMAN, 2017e; 2000; WALDMAN *et alli*, 2007).

ቀ	ቁ	ቂ	ቃ	ተ	ኃ	ኄ	ተ	ኸ	ኹ	ኺ	ኻ	ገ
k ^w i	k ^w a	k ^w e	k ^w i	h ^w i	h ^w a	h ^w e	h ^w i	k ^w i	k ^w a	k ^w e	k ^w i	g ^w i
ገ	ገ	ገ	ለ	ለ	ዘ	ዐ	ዐ	ተ	ዘ	ጫ	ሯ	ቸ
g ^w a	g ^w e	g ^w i	l ^w a	b ^w a	z ^w a	t ^w a	m ^w a	t ^w a	ʒ ^w a	tʃ ^w a	r ^w a	tʃ ^w a
ጅ	ጸ	ሰ	ና	ደ	ፈ	ሻ	ኧ	ሯ	፳	ሯ	ኸ	
፭ ^w a	ts ^w a	s ^w a	n ^w a	d ^w a	f ^w a	ʃ ^w a	ɲ ^w a	r ^j a	n ^j a	f ^j a	e	

FIGURA 7 - O sistema de escrita ge'ez, utilizado principalmente pelas línguas amárica e tigrinya, ambas na Etiópia, é alfassilabário (tipologia também conhecida como abugida), conectando consoantes e vogais, com um total de 231 caracteres. Na imagem, uma seleção destes caracteres. O idioma ge'ez, da qual originou-se a escrita, foi outrora amplamente falado, mas hoje, restringe-se como língua litúrgica dos cristãos etíopes (Fonte: < <https://www.thinglink.com/scene/657026613606612993> >. Acesso: 01-12-2017)

Quanto à organização do espaço geográfico pelo mundo tradicional africano, conquanto existissem milhares de aldeias ajustadas a circunscrições de ordem natural relativamente estanques, isto nunca significou inexistência de contatos ou de relações comerciais mais amplas.

Reconhecidamente, as trocas externas à aldeia, tribo ou região tradicionalmente foram, na maioria das sociedades africanas, de volume limitado, tanto pela reduzida quantidade de excedentes e quanto pelas dificuldades nas comunicações entre as diferentes regiões do continente. *Mas, a despeito disso, as trocas sempre existiram* (Cf. WALDMAN *et alli*, 2007; VERGER *et* BASTIDE, 1992).

Isto porque na África, o comércio possuía vários significados, não se restringindo a um papel meramente econômico. Funcionalmente, o mercado africano foi uma contrapartida à autarquia da sociedade tradicional, fortalecendo laços e o sentimento de solidariedade e da consciência do coletivo numa periferia geográfica mais dilatada.

Instituição típica da sociedade tradicional africana (Figura 8), o mercado local, além de responder pela satisfação de necessidades materiais elementares, tais como alimentação, vestuário, bens e utensílios de uso cotidiano, desempenhava uma *função integradora*, congregar grupos e etnias rivais, servindo de fórum para a arbitragem de conflitos, congregar étnicos e conclusão de acordos.



FIGURA 8 - Cena típica de um mercado angolano, que tal como na maior parte da África, é uma atividade comumente exercida por mulheres. No Brasil, esta flexão de gênero originou a atividade das famosas quitandeiras, sempre de origem africana (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 12-11-2017)

Os mercados locais constituíam o núcleo das trocas comerciais, locais de informação e difusão das notícias, onde por excelência se exercia o controle social. Nenhuma novidade era integrada à vida social sem antes passar pela feira.

Não admira, portanto que a ambição de qualquer autoridade fosse colocar os mercados locais e/ou regionais sob seu controle direto. Exemplificando, no Baixo Benim, não existia evento importante que não fosse celebrado no quadro temporal da feira, que além do mais, constituía centro de cerimônias concernentes a toda a comunidade (Cf. VERGER *et* BASTIDE, 1992: 146).

Polo de um envolvente dinamismo social, não admira então que os mercados estivessem sob a tutela de uma divindade, possuindo, pois um caráter sacralizado. Do mesmo modo, as feiras constituíam importante evento social. Ocorrendo em períodos previamente estipulados e formando redes estruturadas em malhas cobrindo vastos territórios, a área de influência deste comércio alcançava pontos longínquos do *hinterland* africano.

Muitas vezes, a intensidade deste comércio induziu o surgimento de cidades voltadas exclusivamente para o intercâmbio. Todavia, em razão do caráter predominantemente não-mercantil da economia natural, estes centros urbanos mantinham relacionamento seletivo com os espaços dominados pelo tradicionalismo econômico.

Não por acaso, as cidades portuárias estavam incrustadas em rugosidades naturais que lhes garantiam certo isolamento. Na costa africana do Índico, houve decidida preferência por ilhas próximas ao continente, caso das cidades portuárias de Quíloa, Pemba, Sofala, Pate, Lamu, Moçambique, Mombaça, Mogadíscio e de Zanzibar.

Epifenômenos urbanos da civilização Swahili, estes portos mantinham tráfico intenso com as populações do litoral e com os países do Mar Vermelho, reinos árabes, Índia, Sri Lanka, Irã, Malásia e Indonésia, atuando como entrepostos para toda sorte de mercadorias (Cf. GIORDANI, 1985).

Portanto, a análise da sociedade, da cultura e da história da África tradicional deve ser desenvolvida levando em consideração toda uma coleção de particularidades. No tocante à irrupção do Estado, por exemplo, este ocorreu de forma diferente dos impérios da antiga Ásia, Europa ou da América Pré-colombiana.

Os Estados tradicionais africanos não possuíam cunho despótico, não intervinham na economia, não organizavam a execução dos chamados *public works* (trabalhos públicos), não enquadravam a população com vistas à exploração do trabalho coletivo e tampouco planejavam ou construía obras hidráulicas.

Em suma: o surgimento de reinos e de impérios como o Daomé, Zimbabwé, Ruanda, Congo, Kush, Axum, Ashanti, Kanem-Bornu, Mossi, Lunda, Ghana ⁴, Mali e Songhay, não se deu por conta da irrigação ou da organização das lides agrícolas. Antes, a constituição destes Estados esteve relacionada a inferências geoeconômicas específicas, como o controle do comércio intertribal ou inter-regional, exercido pelos impérios no tráfico da noz-de-cola, de bens de prestígio, escravos e de produtos preciosos como o ouro, cobre, ébano, marfim, peles e o sal (Figura 9).



FIGURA 9 - O comércio do sal data de tempos pré-históricos, conectando sociedades por toda a África. Uma das rotas mais proeminentes, abastecia as populações da bacia do Niger com o sal extraído do interior do Saara. Na foto, uma parada das caravanas que ainda hoje cruzam o deserto para comercializar o produto, transportado em grandes torrões por camelos (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 23-11-2017)

Historicamente, o poder político tradicional demonstrou habilidade em criar mecanismos de solidariedade e de convivência entre povos muito diversificados, operando com base na construção de consensos, uma estratégia fundamental em um edifício de poder no

qual a autoridade central era legitimada enquanto mantenedora de uma pluralidade de interesses e de manifestações culturais e religiosas (WALDMAN *et alli*, 2007).

Entenda-se que na África Negra as formações estatais não possuíam caráter centralizado, classificado como “teocrático” ou “despótico” na literatura histórica clássica, tal como foi endereçado para os impérios Assírio, Hitita, Chinês, Mogul e da antiga Ásia Central.

Os soberanos africanos estavam sujeitos a sanções que limitavam consideravelmente um exercício autocrático do poder, basicamente em razão da grande notoriedade usufruída por hierarquias horizontais de poder, materializados nos sistemas de aldeias, distritos étnicos e lealdades de linhagens, com cujos representantes, o poder central dos impérios repetidamente buscava compor-se, nuança que inviabiliza a equiparação da história política do continente com modelos políticos ocidentais ou islâmicos (Figura 10).

Evidentemente, o exercício do poder em África expressava a seu modo as contradições econômicas, sociais e políticas das sociedades do continente, até porque, a irrupção de um aparato estatal, qualquer que seja a realidade em foco, sempre condiz à afirmação de uma hierarquia de mando.

Nesta linha de argumentação, a África também observou o surgimento de dessimetrias e litígios, que contestam visões idealizadas de sociedades fundadas na harmonia social e na ausência de conflitos. Contradições seguramente existiam. Mas, eram condicionadas por outras modalidades políticas, históricas, culturais e sociais, diferentes das que eclodiram em processos extra-africanos.

Deste modo, embora no passado do continente possamos encontrar muitos episódios de guerras opondo povos e reinos africanos entre si, a turbulência que caracterizou durante várias décadas do Século XX nacos inteiros do continente, não tem como ser dissociada dos severos e brutais impactos promovidos pelo colonialismo no continente. Em tal derivação, as contraposições internas nas nações africanas são guerras civis, opondo segmentos e grupos de interesse, e não propriamente “tribos”.

Pois então, este recorrente estigma da “tribalização” dos conflitos contemporâneos no continente, materializaria mais um capítulo da ideologização da imagem da África, em nada somando para melhor conhecimento destes e pior, comprometendo a possibilidade da compreensão objetiva da natureza destas conflagrações.



FIGURA 10 - Chefe étnico do Bagungu, no Camarões, ainda hoje referência de autoridade para sua comunidade. Na história do continente, a legitimidade dos impérios fluía com o consentimento dos poderes locais, com os quais interagiam, consorciando-se e não opondo-se a eles. Daí que corriqueiramente, os impérios exibiam uma “composição em mosaico” ou “em ladrilhos”, formada pela associação com chefarias locais e regionais (Fonte: < <https://edition.cnn.com/2014/10/27/world/africa/portraits-africas-fading-monarchs/index.html> >. Acesso: 23-09-2015)

Na realidade, a questão é muito complexa, não podendo ser reduzida à existência ou não do chamado tribalismo, um conceito pobre, ineficaz, ideologicamente enviesado e que de resto, desqualifica o rico conteúdo das identidades culturais e étnicas da África.

Neste senso, seria conveniente anotar que curiosamente, num sopesamento que escapa ao campo de análise de quase todos os comentaristas, o único continente que na atualidade tem efetivamente revisto suas fronteiras com base na etnicidade é a Europa e não a África (DÖPCKE, 1999: 81-85).

Apenas para exemplificar: a antiga União Soviética gerou quinze países independentes, a Tchecoslováquia, dois, a ex-Iugoslávia, outros seis. Enquanto isso acontece na Europa

(processo ainda distante de esgotar), o mapa político da África pós-colonial, ainda que tenham se passado mais de seis décadas de descolonização, é fundamentalmente o mesmo.

No mais, vale recordar que em boa parte dos Estados tradicionais da África coexistiam muitas etnias, e que nem por isso foram sacudidos por “conflitos tribais”. Nessa linha de entendimento estão incluídas formações políticas que persistiram por séculos, em lapsos de tempo muito mais extensos do que o da maioria dos Estados europeus modernos.

É o que comprova a cronologia histórica do continente: o Reino do Congo acumulava pelo menos três séculos de história por ocasião da chegada dos portugueses em 1482. O Império do Ghana perdurou por nove séculos seguidos; O Mali, por mais de três; O Zimbábwe, por dois séculos e meio; Para completar, a Etiópia, é uma formação estatal das mais antigas do mundo.

Assim, antes de decretar a diversidade étnica como um problema em si, o busílis talvez resida na capacitação ou não das estruturas políticas “mais avançadas” - implantadas pelo Ocidente na África, mormente para dar vazão a projetos políticos de extração neocolonial - em assumirem plenamente a pluralidade, debate este, imiscuído no cerne estrutural das antinomias da modernidade.

Por fim, note-se o caráter permanentemente atual dos antigos ensinamentos oriundos da sociedade tradicional. Embora traduzindo profundas alterações que ratificaram o ingresso do continente na sociedade globalizada moderna, o africano de hoje mantém-se atento ao que o mundo tradicional lhe ensina (M'BOKOLO, 2012; MUNANGA, 2006).

Recorda o historiador nigeriano Ade Ajayi: “A visão de uma nova sociedade africana deverá, necessariamente, elaborar-se na África, proceder da experiência histórica africana e do sentido próprio à continuidade da história africana. O africano ainda não é mestre do seu destino, contudo, ele tampouco persiste somente como um objeto sujeito aos caprichos deste mesmo destino” (in ASANTE et CHANAIWA, 2010: 896).

É assim que o mundo tradicional se transforma numa fonte de inspiração para a recriar e ao mesmo tempo manter a identidade do continente. Uma *tradição viva*, que persevera em encantar e seduzir novas gerações de africanos e afrodescendentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ilídio do. *Importância do Sector Informal da Economia Urbana em Países da África Subsariana*. In revista Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, XI, nº. 79, pp. 53-72. Lisboa (Portugal): Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). 2005;

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombos: Geografia Africana - Cartografia Étnica, Territórios Tradicionais*. Brasília (DF): Mapas Editora & Consultoria. 2009;

_____. *Coleção África-Brasil: Cartografia para o Ensino-Aprendizagem*. Brasília (DF): Centro de Cartografia Aplicada e Informação da Universidade de Brasília - Mapas Editora & Consultoria. 2007;

_____. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. In: Revista Humanidades, nº. 22, Retratos da África, pp. 12-32. Brasília (DF): Editora da Universidade de Brasília (UNB). 1989;

ARAÚJO, Emanuel (Organizador). *Museu Afrobrasil - Um Conceito em Perspectiva*. São Paulo (SP): Instituto Florestan Fernandes. 2006;

ASANTE, S. K. B. et CHANAIWA, David. Capítulo 24: *O Pan-africanismo e a Integração Regional*. In: História Geral da África, Volume VIII: África desde 1935, Capítulo 24, pp. 873-896. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras - As Civilizações Africanas no Novo Mundo*. 3ª edição. São Paulo (SP): Coedição Difusão Européia do Livro (DIFEL) e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1974;

CARVALHO, Delgado de. *África: Geografia Social, Econômica e Política*. Conselho Nacional de Geografia, edição da Divisão Cultural. Rio de Janeiro (RJ): Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1963;

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. Edição do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Úmidas Brasileiras (NUPAUB). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. 1994;

DÖPCKE, Wolfgang. *A Vida Longa das Linhas Retas: Cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra*. In: Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 42, nº. 1, pp. 77-109. publicação do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI). Brasília (DF): IBRI. 1999;

FORTES, Meyer et EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Sistemas Políticos Africanos*. Lisboa (Portugal): Fundação Galouste Gulbenkian. 1977;

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC). 1989;

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 1985;

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. *A Tradição Viva*. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP). 1993;

LEITE, Fábio. *A questão da palavra em sociedades negro-africanas*. In: SANTOS, Juana E. dos (Org.). Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo. Salvador (Bahia): Edições SECNEB: Secretaria da Educação do Estado da Bahia. 1992;

_____. *Bruxos e Magos*. In: *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), nº. 14/15. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). 1991/1992;

_____. *Penyakaha*. Separata de *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), nº. 9. São Paulo (SP). 1986;

_____. *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

MAZRUI, Ali A. *Os Africanos: A Tríplice Herança* (The Africans: A Triple Heritage), série televisiva produzida pela British Broadcasting Corporation (BBC) e a Public Broadcasting Service (PBS) em cooperação com a Nigerian Television Authority (NTA). Professor Ali Mazrui (editor e narrador). 1986;

_____. *Arquivos Africanos e a Tradição Oral*. In: Revista O Correio da UNESCO, exemplar de Abril. São Paulo (SP): Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1985;

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Dois Volumes: Tomo I (Até o século XVIII) e Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Alfredo Margarido. Salvador (BA) e São Paulo (SP): Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Casa das Áfricas. 2012;

MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. Lisboa (Portugal): Editorial Teorema. 1986;

MUNANGA, Kabengele. *Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização*. In: Vozes (Além) da África (Org.: Ignácio G. Delgado [et alli], pp. 19-43. Juiz de Fora (MG): Universidade Federal de Juiz de Fora. 2006;

_____. *Cultura, Identidade e Estado Nacional no Contexto dos Países Africanos*. In: A Dimensão Atlântica da África. Coletânea da II Reunião Internacional de História da África, pp. 297-300. São Paulo (SP): CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES. 1997;

_____. *Povos e Civilizações Africanos*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea, texto mimeo. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores (MRE). 1984;

NIANE, Djibril Tamsir. *O Mali e a Segunda Expansão Manden*. In História Geral da África. São Paulo (SP): Editora Ática. 1984;

_____. *Sundjata ou a Epopéia Mandinga*. Coleção Autores Africanos, nº. 15. São Paulo (SP): Editora Ática. 1982;

ROUMEGUÉRE-EBERHARDT, Jacqueline. *Pensée et Société Africaines - Essais sur une dialectique de Complémentarité Antagoniste chez les Bantu du Sud-Est*. Paris (França): Cahiers de L'Homme, Sorbonne, Mouton & Co. 1963;

TEMPELS, Placide. *La Philosophie Bantoue*. Collection Présence Africaine. Paris (França) Présence Africaine. 1949;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

VERGER, Pierre et BASTIDE, Roger. *Contribuição ao Estudo dos Mercados Nágôs do Baixo Benin*. In: Artigos, Tomo I, Pierre Verger (org.), Série Baianada, nº. 9. São Paulo (SP): Editora Corrupio. 1992;

WALDMAN, Maurício. *Espaço, Africanidade e Tradição: A topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala griot sobre Sundjata Keita, Imperador do Mali, Senhor do Umbigo do Mundo*. Série Africanidades: Coleção Acadêmica Nº 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017. E-book em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidade_espaco_e_tradicao.pdf >. 2017e;

_____. *Hegemonia Ocidental: Processo Histórico e Social*. Série Educação Popular, Nº 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016. E-book em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/educacao_popular_01.pdf >. 2016a;

_____. *A Memória Viva da Rainha Nzinga: Identidade, Imaginário e Resistência*. Série Africanidades Nº 21. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016. Título em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_21.pdf >. 2016b;

_____. *O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma conjugação entre natural e artificial*. Série Africanidades Nº 23. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016. Título em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_23.pdf >. 2016b;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Série Africanidades Nº 24. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016. Título em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_24.pdf >. 2016c;

_____. *Retratos da Rainha Nzinga: Ginga de Memórias, Ginga de Lutas*. Série Africanidades Nº 22. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016. Título em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_22.pdf >. 2016d;

_____. *O Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma conjugação entre natural e artificial*. Edição especial África Única e Plural - *Mélanges* em homenagem ao Professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão (Organização: Kabengele Munanga). Revista África, Volume 20/2, pp. 223-235. Universidade de São Paulo (SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). 2012a;

_____. *Novos Rumos da Economia Africana*. In: Revista Brasil Angola Magazine, nº. 5, Junho-Julho de 2012, pp. 22-23. Texto masterizado e incluído na Série Africanidades Nº 14. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2012. Título em Formato PDF disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_14.pdf >. 2012b;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, nº. 6. São Paulo (SP): Editora do Serviço Nacional do Comércio (SENAC). 2006;

_____. *Africanidade, Espaço e Tradição: A topologia do imaginário africano tradicional na fala griot de Sundjata Keita do Mali*. Texto considerado relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS, Paris, França). Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP): Revista África, Volume 20/21, pp. 219-268. Universidade de São Paulo (SP): Coedição CEA-USP/ Editora Humanitas. 1997-1998;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP): Departamento de Antropologia. 1997;

_____. *Espaço e Modo de Produção Asiático*. In: Boletim Paulista de Geografia, nº. 72, publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Seção Local São Paulo. São Paulo (SP): AGB-SP. 1994;

_____. *Templos e Florestas: Metamorfoses da Natureza e Naturalidades da Metamorfose*. Texto mimeo. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). 1992;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

1 **A África Tradicional** é um texto de capacitação em afro-educação utilizado em cursos, palestras e conferências desenvolvidos pelo autor em diversos espaços educativos, particularmente junto ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP), entidade na qual o autor participou durante dez anos como Professor-colaborador (2004-2014). A presente edição de **A África Tradicional** foi masterizada pela **Editora Kotev (Kotev ©)** em 2017 para fins de acesso livre na Internet. Enquanto tal, **A África Tradicional** incorpora regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas editoriais e de estilo, assim como normatizações inerentes ao formato PDF. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que **A África Tradicional** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. As citações de **A África Tradicional** devem obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *A África Tradicional*. Série Africanidades Nº. 15. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

2 **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, jornalista, editor, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional*

Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, volume 20/21, pp. 219-268, 1997-1998), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

3 Não confundir o moderno Estado do *Benim* (grafado com “m” no final), que corresponde em parte ao antigo reino Fon do Dahomey, com o reino do *Benin* (grafado com “n” final), fundado pelo povo Edo, abarcando grande território próximo do Delta do Niger, na atual Nigéria.

4 Atentar para o fato de que a atual *República do Gana*, grafada sem “h”, não tem nenhuma relação histórica e geográfica com o *Império do Ghana*. A denominação *Gana* foi adotada no governo nacionalista de Kwamé Nkruma com o intuito de rebatizar a antiga *Colônia Britânica da Costa do Ouro* com uma referência do continente africano, opção que se inscrevia no ideário pan-africanista.

EBOOK ON LINE SOBRE ORALIDADE E MUNDO TRADICIONAL AFRICANO

MAURÍCIO WALDMAN



ESPAÇO, AFRICANIDADE E TRADIÇÃO

**O imaginário espacial tradicional africano na fala griot sobre
Sundjata Keita, Imperador do Mali, Senhor do Umbigo do Mundo**

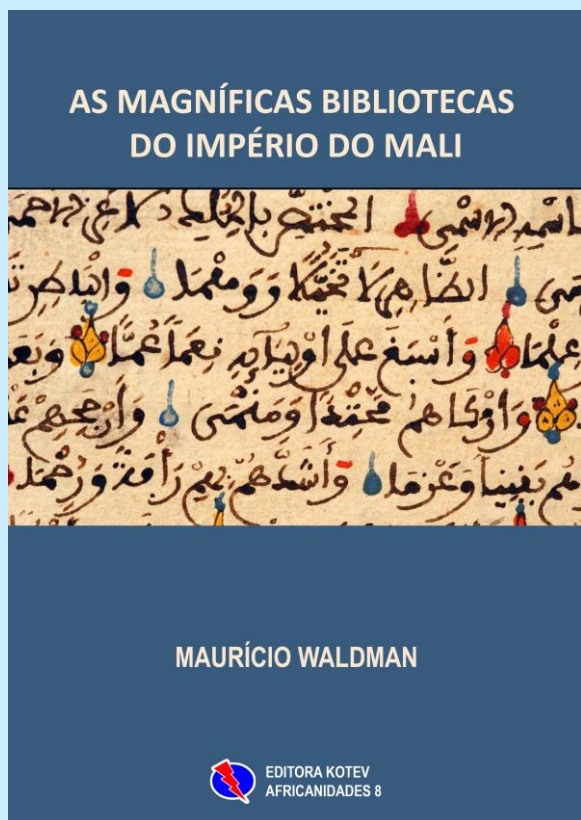


EDITORA KOTEV

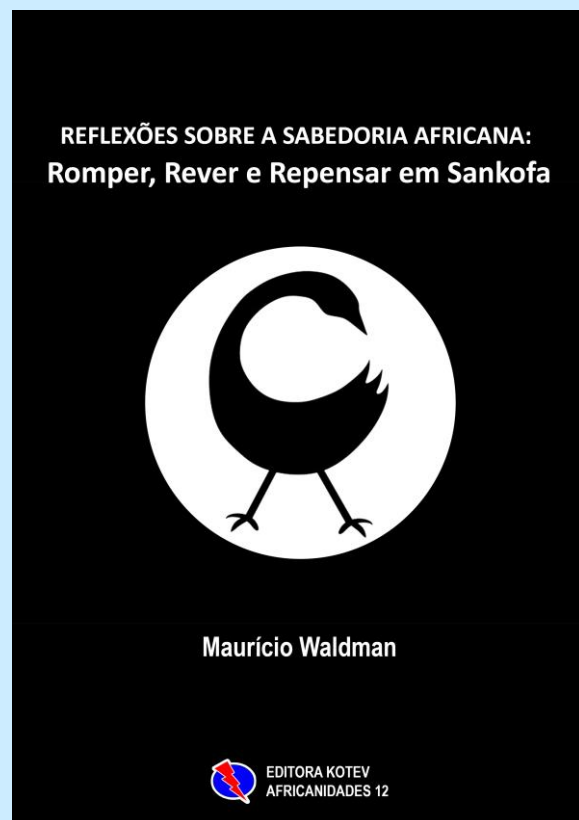
ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 1

http://mw.pro.br/mw/africanidade_espaco_e_tradicao.pdf

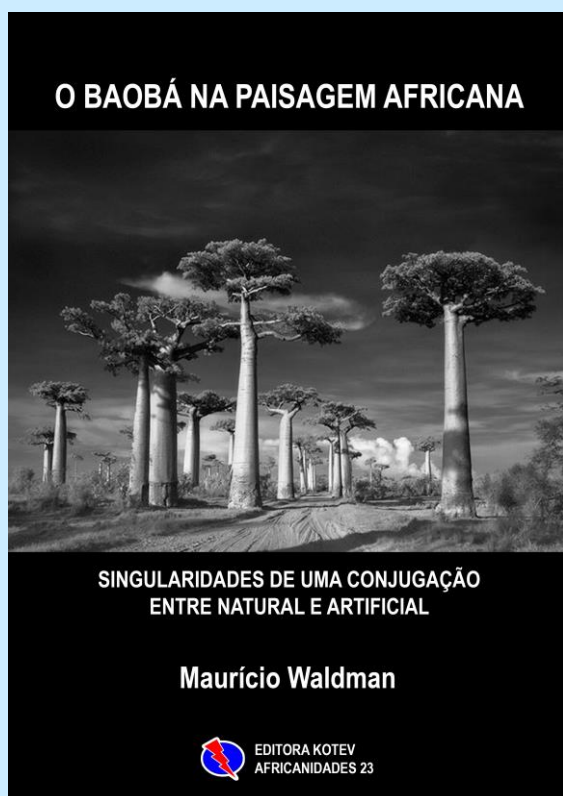
PARA SABER MAIS SOBRE A ÁFRICA TRACIONAL



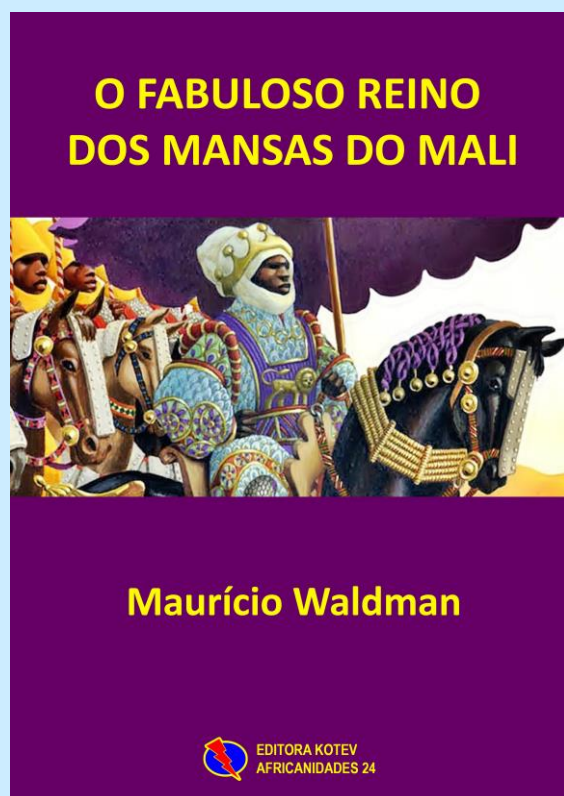
http://mw.pro.br/mw/africanidades_08.pdf



http://mw.pro.br/mw/africanidades_12.pdf



http://mw.pro.br/mw/africanidades_23.pdf

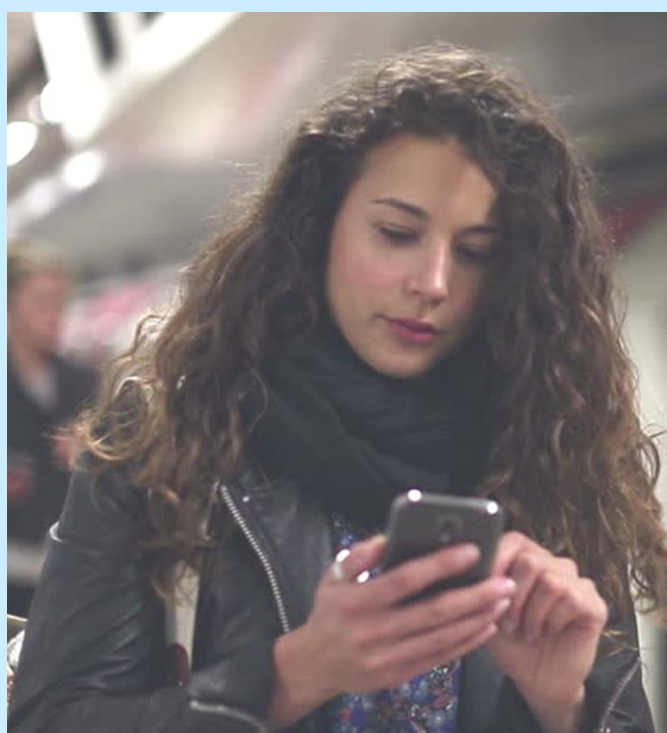


http://mw.pro.br/mw/africanidades_24.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV

Sintonizada com o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br